Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

ERMIRO LIMA

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Depoimentos Avulsos

Entrevistado – Ermiro Lima (EL)

Entrevistador – Marcos Chor Maio (MC)

Data – 16/11/1988

Duração – 1h

Responsável pela transcrição – Sigrid Hoppe

Responsáveis pela conferência de fidelidade – Poliana Orosa e Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LIMA, Ermiro. *Ermiro Lima. Entrevista de história oral concedida ao projeto Depoimentos Avulsos*, 1988. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 18p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

O entrevistador sublinha a importância do resgate da história da Associação Médica no Rio de Janeiro; fala de sua origem nordestina e também de sua opção e ingresso na medicina, tendo se formado em 1925; comenta sobre a dedicação na área de otorrinolaringologia, sobre seus estudos na Bahia, mencionando ainda professores que marcaram a sua vida acadêmica; retorna a Pernambuco onde passa atuar em clínica geral, frisa a gratificação que o trabalho lhe proporciona; vem para o Rio de Janeiro onde a convite de Fróes da Fonseca para ser assistente na Cátedra de Anatomia, a partir de 1927 passou a lecionar anatomia; em 1943 consegue aprovação em no concurso prestado para a Cátedra de Anatomia na Faculdade de Odontologia; tece comentários sobre o concurso prestado para docente em Otorrinolaringologia e sua atividade no cargo; implicações políticas que o impediram de ser aprovado mesmo com maior contagem de pontos para o concurso prestado para a Cátedra de Otorrinolaringologia na Faculdade de Medicina; em 1958 é aprovado para Cátedra de Otorrinolaringologia onde permanece até se aposentar aos 70 anos; faz referência à transferência da Faculdade de Medicina para a Ilha do Fundão que acontece em mesmo período; alusão a sua atividade na clínica particular e também a sua atividade como chefe do Serviço do Hospital dos Servidores do Estado; comenta sobre sua nomeação e atuação como presidente da AMDF - Associação Médica do Distrito Federal, e contexto político em que ela se deu; faz referência a algumas conquistas da classe médica quando estava à frente da AMDF, sobre a greve e o contexto em que foi preso.

Fita 1 - Lado B

Referência ao estigma que marcou sua carreira por sua participação na AMDF, e taxações políticas que sofreu; conflito entre o Rio e São Paulo em torno das questões de política médica; o posicionamento dos diversos segmentos sociais quanto à greve dos médicos defendida pela AMDF, e também reflexos midiáticos; comenta também posição contrária do sindicato médico as greves; faz referência a Durval Rocha Borges e sua posição quanto ao movimento grevista dos médicos; alusão a sua viagem a antiga União Soviética em companhia de Durval Rocha Borges; tece comentários acerca de homens que considera importantes para a história, e também fala sobre problemas e ideários políticos do o país; breve comentário sobre sua religião.

Data: 16/11/1988

Fita 1 – Lado A[1]

MC – Estamos na casa do Dr. Ermiro Lima, 16 de novembro de 1988, para uma entrevista para o projeto, sobre associativismo médico no Rio de Janeiro. Dr. Ermiro, o senhor estava dizendo que havia um conflito né, entre Rio e São Paulo.

EL – Bom, antes de tudo eu acho meritória essa iniciativa toda de fazer um histórico do convênio, um panorama médico associativo no Brasil, mesmo porque, às vezes, há muita falha, muita injustiça naquilo que está escrito. Agora há pouco, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, descreveu o volume, publicou um volume com vários artigos de médicos contando a história da cirurgia e da medicina no Rio de Janeiro é associado, medicina, cirurgia e medicina no Rio de Janeiro, uma sociedade que tem grande projeção no Brasil, de grande mérito, de grande renome, mas fez a injustiça de no histórico da associação médica no Rio de Janeiro, das associações enfim, praticamente não se referir, aquela nossa antiga ANDS, Associação médica do Distrito Federal, então, que promoveu a primeira campanha o primeiro chamado de consciência dos médicos para a suas erradicações. Foi justamente teve como causa uma razão econômica, mas não era puramente econômica, isso envolve também a parte técnica, a parte científica a parte de estudos a parte de local adequado para o progresso da produção. E nós não queríamos que a medicina se deteriorasse, dentro das nossas forças não queríamos que esse deterioramento fosse a ponto de ser arquivada pelas dificuldades econômicas graves da classe média de então, por isso fizemos um movimento naquela época. É... enfim isso eu acho que esse começo de certa reação feito de modos muito éticos, que fizemos naquela época, essa reação realmente mereceria ter um destaque que não foi dado no histórico da Associação Médica de Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro. Isso eu falei mesmo aos relatores, do livro que foi o, que é o [trecho ininteligível]que é um homem de grande esclarecimento, de grande valor intelectual, e que não se lembrou ou não teve razões para incluir as atividades que eu acho que foi muito importante da Associação Médica do Distrito Federal e hoje é a AMERJ, a Associação Médica do Rio de Janeiro.

MC – AMERJ.

EL - Esses são os pontos que eu tenho e que??

MC – Sei. Dr. Ermírio, o senhor poderia colocar assim, qual foi, qual a trajetória, quer dizer, profissional do senhor?

EL – Qual é?

MC – Qual é a trajetória profissional do senhor.

EL – (risos) Bom eu posso partir de vários prontos, inclusive da minha origem, que era inteiramente fora de qualquer intenção de ser médico, terminei os estudos preparatórios em

[1] Entrevista para o Projeto "Associativismo Médico no Rio de Janeiro".

Recife, eu sou de Pernambuco. E acho que eu tenho assim uma vaga ideia de que eu gostaria de ser um engenheiro, as circunstâncias mais econômicas, do ponto de vista econômico do que propriamente do ponto de vista intelectual ou social, fizeram com que eu fosse fazer meu curso médico na Bahia, e aí eu fiz o curso, na Bahia, e nesse curso , na Bahia, você nem imaginava [trecho ininteligível] quando eu terminei o curso, eu me formei em 1925, então, durante o meu curso eu me dediquei especialmente a anatomia ou o velho professor que morreu agora há bem pouco tempo quase com cem anos, 96 anos, o Freund Fonseca, e tal o Freund Fonseca, você conhece, podia pelo menos, foi um homem extraordinário de grande valor...

MC – Álvaro?!

EL – Álvaro Freund da Fonseca. Então, trabalhei com ele durante o curso da Bahia e do ponto de vista clínico eu me dediquei especialmente ao serviço de otorrinolaringologia e que era professor na Bahia, um privilégio também que foi ter outros professor no Brasil, esse professor chamava Eduardo de Moraes. Eduardo de Moraes foi professor de vários mestres no Brasil inclusive Mangabeira Albernaz São Paulo que foi um nome de muita categoria, de muito prestígio, não só no Brasil, como fora do Brasil, Paulo Mangabeira Albernazcujos filhos também são médicos e grandes médicos de São Paulo. Outros professores também vieram dessa escola do professor Moraes. Bom, de maneira que eu me formei e as minhas predileções e os meus trabalhos foram especialmente no sentido da anatomia e da otorrinolaringologia, mas havia dificuldade de eu me dedicar a especialidade laringologia eu voltei para Recife, para Pernambuco, não é bem... Recife é uma cidade próxima de Recife, fica a 100 km, se chama Bezerros é a minha cidade natal. Em [trecho ininteligível] não sei se todo mundo conhece Caruaru, então, eu fiz clínica geral, fazia clínica naquele interior, fiz uma grande clínica durante cerca dois anos. Clínica atendendo aquela gente toda e era uma clínica muito interessante hoje, em vista dessa distância, por que era uma clínica feita com muito espírito profissional só, espírito não digo sacerdotal, mas de grande ênfase para o prestígio social, prestígio moral, mais do que o prestígio econômico e eu cheguei a trabalhar dois anos e acredite que eu não dei uma conta sequer, não escrevi não tirei uma conta para nenhum cliente, eles que pagavam o que podiam, o que queriam dar e isso me gratificava muito ter aquela aquele prestígio social, aquele prestígio com aquela gente pobre de outros tempos também. Pois bem, esse foi o começo da minha vida clínica, logo depois dos dois anos eu vi que eu não tinha condições de progredir na medicina do interior e então, achei que retomar a minha vida de estudo na clínica que eu tinha predileção que era otorrinolaringologia. E vim até o Rio de Janeiro para me certificar de que havia respeito e me instalar depois em Recife, era meu projeto. Aí chegando aqui no Rio eu reencontrei Freund da Fonseca que tinha feito concurso há um ano, tinha feito concurso para a cátedra no Rio de Janeiro ele que não pode se transferir da Bahia, ele era catedrático lá por um concurso, o Freund ele fez concursos memoráveis, na Bahia ele fez um concurso que agitou toda a sociedade civil e a sociedade científica toda da Bahia, ele tornou do curso que ele fez e era um homem extraordinariamente projetado para essas grandes empreitadas científicas. Bom ele repetiu esse concurso aqui no Rio de Janeiro foi um concurso também memorável, em 1926, 26 tirou ele a cadeira na cátedra, contra o candidato então, do governo. Que naquele tempo, sei é uma história muito comprida muito longa talvez eu esteja até me estendendo demais...

MC – Não, não... o senhor não fique preocupado com isso.

EL – Então, o Freund, catedrático encontrei com ele aqui no Rio de Janeiro e ele me convidou, insistiu para que eu viesse ser assistente de anatomia na cadeira que ele estava recém empossado, eu ainda vacilei uns dias e coisa até que resolvi vir para o Rio de Janeiro. Transformando inteiramente o meu programa, o meu projeto de vida, eu gostava da clínica também e achei que ia continuar otorrinolaringologia, mas vim então, ser naquele tempo se chamava era monitor depois assistente, assistente de anatomia e fui assistente do Freund de anatomia em 1927, então, e comecei a lecionar anatomia, portanto de 27 já tem 61 anos que eu conheci minha vida de magistério e passei 10 anos de anatomia, 10 anos, com Dr. Freund e resumindo as coisas, nesses 10 anos eu fiz concurso de docência, logo, em 1928 e depois vagou-se uma cátedra, naquele tempo se chamava cátedra e hoje é disciplina. Aí, tenho a impressão que cátedra tem mais ênfase, né.

MC – É...

EL – Mais status, do que disciplina, mas nós temos que nos amoldar ao tempo, entãofui teve a docência de anatomia e vagou a cadeira de anatomia, cátedra de anatomia na faculdade de odontologia, de odontologia eu então, me candidatei ao concurso, e tirei a cátedra e mesmo odontologia é comum do... sofre transformações relativamente rápidas. Um concurso hoje que seria inteiramente anônimo, digamos assim, desconhecido, sem repercussão nenhuma, naquele tempo um concurso de anatomia, para faculdade de odontologia, na Praia Vermelha teve uma repercussão enorme que foi uma verdadeira agitação da classe médica, dos professores, e muitos amigos e coisa e toda entrou nesse concurso, tirei a cátedra de anatomia de, da faculdade de odontologia nesse segundo concurso, mas meu ideal sempre foi a clínica otorrinolaringologia, eu achava que aquele é que era o meu objetivo final, embora a anatomia fosse e será sempre dentro da medicina, anatomia, é evidentemente que é a topografia da região você tem que conhecer para depois explorar essa região, a maneira é anatomia dentro da medicina, você tem que conhecer o terreno profundamente para depois trabalhar nele, isso é cada um dentro das suas tendências, pois bem, alguns anos depois, quer dizer, isso foi em 1943, 43 eu já sabia que ia ter a vaga da cátedra de otorrinolaringologia no Rio de Janeiro. Com aposentadoria do mestre, foi o professor Marinho, professor João Marinho, o João Marinho era um homem de grandes conhecimentos gerais, conhecimentos humanísticos ele tinha, dizia-se que ele tinha a maior biblioteca particular do Rio de Janeiro e eu conhecia essa biblioteca tinha digamos dois andares, tinha escadaria...

MC – Nossa.

EL - Para aqueles livros. Tinha edições notáveis, edições esgotadas de trabalhos, enfim de grandes mestres sobretudo de grandes mestres portugueses e é um homem de muito culto, mas a parte de otorrino ele deixava digamos assim no plano secundário diante da cultura em geral que ele dava mais ênfase.

MC – Entendi.

EL – Bom, o Marinho se aposentou e ia-se abrir um concurso mas eu não tinha docência de otorrino e era importante que tivesse docência, então, em 1943 fiz o concurso de livre docência de otorrino fiz na Bahia, então, com esse pique e era o terceiro concurso que eu fazia, com esse título de docente eu então, me credenciava para o concurso de cátedra, que veio daí há um ano ou dois, e realmente em 45, 1945, houve um concurso de catedrático em otorrinolaringologia e foi um concurso que realmente definiu minha vida completamente, porque todos nós temos na vida trabalhos criados que são fundamentais, né, que ficam gravados, e são o principal é o eixo é o núcleo é o fundo da sua vida. E esse concurso realmente foi o ponto máximo da minha atividade, atividade científica, digamos assim, embora modesta, mas todos nós temos nossos [trecho ininteligível] que não chega a ser uma montanha é um morro é uma elevação muito pequena. E esse concurso foi realmente para mim importante por que foi o melhor concurso que eu fiz em toda a vida, depois eu fiz mais dois concursos, mais um concurso, no total de cinco, né. E esse concurso, então, entrou muita atividade política, política, por que já existia, existia, sempre existiu, porque o candidato o meu antagonista principal éramos três, éramos três, mas um deles principal era um homem de muito prestígio social, um grande clínico, um grande mestre realmente, criador não sei se vocês conhecem ele...

MC – Qual o nome?

EL – Sanson, Davi de Sanson.

MC – Davi?

EL – Sanson.

MC – Davi de Sanson?

EL – E foi um grandemestre realmente presidente até da Academia Nacional de Medicina. Enfim, era um homem de grande prestígio além de ser muito social e político, e político.

MC – Ele era daqui do Rio?

EL – É, ele era daqui do Rio.

MC – Ele nasceu no Rio.

EL – É daqui do Rio, é exato. Pois bem...

MC – Não tinha, mas um, que... Tem mais um outro que era um dos assistentes do professor Marinho, que era enfim um outro professor também de muita categoria, chamava Aristides Monteiro.

MC – Aristides Monteiro.

EL – É, que é vivo ainda é um homem de grande mérito, mas tá aposentado também, então, nós entramos no concurso, nós três, e o Sanson com muito prestígio político, social e clínico e econômico e todos os prestígios ele tinha realmente um homem de grande atividade mental e também social. Agora acontece o concurso eu ganhei esse concurso, mas não levei, eu não levei, por que eu tive a média maior do concurso e não foi levado em consideração, e porque vocês sabem o mecanismo do concurso, em geral são 5 examinadores, e se três examinadores dão preferência a um candidato, esse candidato ganha de qualquer maneira mesmo que tenha as notas mais baixas. No final ele ganha. No nosso caso houve duas preferências para mim, duas preferências para o Sanson, e o quinto examinador deu para o terceiro candidato, portanto estabeleceu-se empate entre mim e o Sanson. E aí prevaleceu o que, prevaleceu a força política, a força do prestígio [trecho ininteligível], por que a média das provas, escrita prova oral e coisa, a minha média foi a mais alta, mas isto não foi levado em consideração. A minha preferência dos dois foram os otorrinolaringologistas que me preferiram, também não foi levado em consideração. Foi levado em consideração o voto geral da congregação, a congregação toda foi convocada, homens que não assistiram o concurso na maioria, homens que eram amigos e coisa e votaram em massa, votaram unanimemente no Sanson, eu acho que foi um ato político vitorioso, dele, mas que me fez sentir bastante a injustiça, e saber que foi o melhor concurso que eu tinha feito então. Bom isso passou eu não, não tive meios de anular essa solução, essa resolução e passam-se anos e passa-se anos quando em 1958, 1958 o Sanson se aposenta e há novo concurso e eu entro nesse novo concurso e ganhei o concurso e fui professor de otorrinolaringologia de 1958, 58 até, 1970, 70 quando eu fiz os 70 anos de idade e fui aposentado, portanto essa época então já a faculdade de medicina se transferia para o fundão e eu tive o desgosto de não inaugurar o serviço do fundão por que a minha luta para formar um serviço foi uma verdadeira tragédia porque o governo, o governo sempre me teve numa certa reserva desde a luta que eu tive com a Associação Médica do Distrito Federal.

MC - É...

EL - Eu era taxado comunista, nunca fui, comunista como a minha linha política é uma linha de retilínea nem para direita e para esquerda, eu acho que há muita coisa da direita muito boa muita coisa da esquerda muito boa, eu sou um homem livre, inteiramente livre. Há poucos dias eu fiz uma palestra sobre Gilberto Freyre, você conhece, Gilberto Freyre e ele definia aquilo que eu acho justo que ele dizia a mesma coisa "eu não sou da direita e eu não sou da esquerda, eu sou um homem que acho coisas boas do lado esquerdo, do lado direito e não posso deixar de proclamar e de adotar, agora sectário mesmo eu não sou, nunca, não é do meu estilo, ser sectário numa linha" e por isso da Associação Médica tentava eu tinha me saído bem por que eu tinha amigos de um lado e doutro e sem ser propriamente um homem de muro, eu sou de uma faixa não de muro, uma faixa que vai até a direita e vai até a esquerda, eu passeio do mesmo nível, então, esse foi a minha vida clínica até me aposentar.

MC – E o senhor esse tempo todo o senhor teve, o senhor teve consultório?

EL – Eu estive em consultório, esse primeiro concurso que eu perdi, me serviu muito por que dois anos depois, poucos anos depois, mais de dois anos depois, isso foi em 1940, 47, não 1947, 47, fundou-se o hospital de servidores do estado, inaugurou-se o, o hospital de servidores do estado, que era o presidente era o General Dutra, Gaspar Dutra, então, aí foi que

eu tive a vitória naquele primeiro concurso por que o meu nome foi indicado para chefe de serviço, o hospital de servidores do estado e uma das causas um dos motivos porque o General Dutra aprovou o meu nome é que ele se lembrou e disse "aquele que ganhou o concurso e não levou" então, me nomeou e fui chefe de serviço e que havia muita, muito empenho mesmo na família do General Dutra para que o nomeado fosse outro, outro candidato, mas ele aceitou meu nome. E eu fui durante muitos anos também chefe de serviço no o hospital de servidores nos últimos 22 anos e lá realizei muito a minha clínica, realizei meus estudos, enfim minha atividade foi muito boa para mim, muito produtiva no hospital de servidores do estado até que deixei tudo isso pelas injunções da idade e pela imposição da vida, da idade, mas com uma satisfação enorme de ter realizado aquilo porque eu pude realizar, não que seja grande, mas foi, foi ao nível do que eu podia, entendeu? De maneira que eu hoje sou um homem feliz, por que não só na clínica particular não só no magistério, não só no estudo científico que eu pude fazer, se estendeu durante meio ano nos Estados Unidos fazendo especialização também, foi uma, um período muito gratificante para mim, tudo isso me dá uma satisfação de ter cumprido com a minha vida, com meu dever. De maneira que é uma síntese do que foi a minha vida clínica que você queria saber, bom não tem nada de [trecho ininteligível] absolutamente não tem vaidade no que eu fiz, mas tenho satisfação de ter feito aquilo que pude fazer, entendeu?

MC – Agora como é que entra [trecho ininteligível], como é que entra a parte assim por exemplo, o senhor participar da AMDF...

EL – Bom, isso foi uma, uma resultante dos meus concursos, os meus concursos foram meus cartões de apresentação. Aquele concurso que eu fiz para faculdade de odontologia, que eu disse a você que era um concurso que hoje seria inexpressivo, uma coisa que nemnotícia teria no jornal, foi um concurso que agitou bastante a classe médica, a classe estudantil na Praia Vermelha, isso foi, foi em 1938, 38 foi, 1938. este concurso projetou meu nome dentro da classe médica como um enfim um indivíduo que podia orientar e ver e tal. Então, logo depois veio o problema da AssociaçãoMédica do Distrito Federal, cujo primeiro presidente foi o Dr. Cortes Silva, Corte Silva esse era um Clínico muito distinto muito boa pessoa, muito, enfim de grande prestígio clínico. O Dr. Cortes Silva, então, chegou ao término da gestão dele e os amigos, partiram da faculdade[trecho ininteligível] da base daquele meu concurso que eu tinha feito e lançaram meu nome, meu nome para presidente da Associação Médica do Distrito Federal, eu nunca tinha muita propensão para ser comandante de coisa nenhuma, nunca, nunca foi meu ideal ser político, enfim ser um líder, não, absolutamente, mas fui levado nessas circunstâncias, e coincidiu com o movimento da greve, que era a greve principal foi o governo Café Filho, que era meu conhecido, meu amigo, eu conhecia o Café Filho desde o Norte, ele foi promotor, ele atuou na cidade que eu nasci, em Bezerros, ele era muito amigo meu e mais ainda do meu irmão e mas não sei se isso serviu de nada eu fui preso da mesma maneira no movimento, fui preso depois, solto, mas o fato é que pelos bons modos nós não conseguimos grandes coisas, entretanto conseguimos 20%, 20% para a classe médica de, de situação de perigo profissão, é risco da profissão, 20% de título superior e título, enfim profissional, e nível superior, essas coisas conseguimos mesmo naquela época, mas verdadeiramente o projeto lá que era a letra "O" não conseguimos, mas foi um momento muito bonito de grandes [trecho ininteligível] nos empenhamos íamos ao Senado, íamos à Câmara, tínhamos amigos tínhamos adversários. Era uma discussão, São Paulo vinha em peso com suas, suas, suas embaixadas aqui para nossas reuniões, nós íamos a São Paulo eram discussões tremendas. Era

chefe do servi... o servi.. a corrente de São Paulo era sobretudo chefiada pelo Jairo Ramos, um grande cardiologista de São Paulo, professor, e pelo Olímpio Corrêa Neto, que agora, faleceu há pouco tempo, um grande cirurgião.

MC - [trecho ininteligível] Essa imprensa da época aparece o nome do Dr. Olímpio.

EL - É, exato, Olímpio Corrêa Neto.

MC – Morreu recentemente.

EL – Recentemente, é e toda essa gente, era gente minha amiga, amiga minha, mas adversários do ponto de vista política, nós tínhamos uma briga, uma luta quase desportiva, quase desportiva, não havia nível baixo na nossa luta, e assim foi, foi minha vida é uma gestão que eu acho que eu tenho certo mérito porque eu não me definia e eles sabiam todos sabiam, por que eu não era nem comunista e, e nem era também fascista... não nenhuma dessas desses extremos me tiveram como solidário, nenhum. Eu procurava atenuar as arestas mais agudas mais sérias e achando assim que fosse possível. Tanto que eu não saí da luta e fui preso e fui enfim.

Fita 1 – Lado B

MC – O senhor estava dizendo que a gestão do senhor na MDF trouxe depois certas marcas, né.

EL – Trouxe, trouxe, trouxe, até meu último concurso, entendeu? Foi, todos os meus outros concursos então, foram muito marcados pela minha atuação na AMDF, e sabe essa facilidade com que se rotula um homem aqui no Brasil, este é um fascista, este é um comunista, este é liberal, este é isso e aquilo...

MC – Sei.

EL – De maneira que assim ficamos na nossa... se bem que não tem grandes tiradas na minha vida que sejam espetaculares, né...

MC – Essa, a gestão do senhor na AMDF foi de que ano a que ano o senhor se lembra?

EL – Agora você me atrapalhou, viu. Não sei não me recordo bem, não sei eu sei que no ano da, da, da luta foi não sei, se você deseja isso o homem dessas datas é o Snai, Snai.

?? – Em 54 o senhor era presidente né da AMDF?

EL – 54...??

??- 53, 54.

EL – 54, é.

MC – 53, também?

EL – 53, também. É.

MC – Parece que a MDF foi criada em 1950, né.

EL – Eu não sei bem a história da MDF, mas foi por aí, não sei, não estou muito a par dessa.

MC – Sei. E o senhor já era filiado antes de ser presidente da MDF?

EL – Já era o quê?

MC – O senhor já era filiado, já era membro da Associação, antes de ser presidente.

EL – Eu devia sê-lo... (risos)

MC – Devia ser.

EL – É, é era membro sim.

MC – Mas o senhor disse que tinha um conflito entre Rio e São Paulo.

EL – É um conflito digamos, de nível alto, né, relativamente de nível alto, porque São Paulo sempre tem, tem direito e sempre teve vontade de comandar todo, muita coisa no Brasil, né. Merece, e o comando médico do Brasil estava aqui no Rio de Janeiro por que o parlamento tava aqui, nós tínhamos entendimento com esses altos políticos, e São Paulo fazia sempre oposição a nós, sempre oposição e criou-se a Associação Médica Brasileira, nessa época e os primeiros presidentes Olímpio Corrêa Neto era presidente nessa época da nossa campanha e não queria de maneira nenhuma, ceder, ceder a hegemonia de São Paulo num certo ponto, nós. Mas nós, nós tínhamos também amigos em São Paulo, também correntes em São Paulo a favor da nossa campanha, não era, não era em massa, não, o mundo médico em São Paulo que era solidário, com o grupo.Como aqui nós tínhamos também grupos, grupos que eram solidários com São Paulo, né. Que eram favorável a São Paulo.

MC – E qual era assim a base do conflito, a diferença, quer dizer, qual era a natureza das divergências que haviam entre o rio e São Paulo entre a AMB e a MDF.

EL – Bem, a diferença, as diferenças eram seguinte, primeiro a natureza do nosso protesto, que São Paulo achava que devia ser um protesto só intelectual, só de argumento, só dialético e nós achávamos que isso já tinha sido esgotado que já tínhamos feito o possível para convencer o governo de que nós tínhamos direito, nós pensávamos que a nossa luta deveria, que tinha de ser mais luta, inclusive a greve, a greve. Houve uma greve até de advertência, antes de 24 horas e esta greve segunda que foi mais positiva, mas nós tínhamos tanto o empenho que foi uma greve no Brasil inteiro, né, em geral. Foi greve no Rio de Janeiro, esta greve teve muitas

nuances, muitas, os estados locais mais severos mais rígidos mais radicais, outros mais atenuados e São Paulo era contra essa posição de greve embora nossa greve fosse uma greve que nós fizemos o possível para ser uma greve ética, ser assim, nós nunca deixamos de maneira nenhuma de admitir um prazo curto para essa greve, nunca deixamos de admitir o atendimento nos casos urgentes os plantões eram rigorosamente cumpridos, merecidos e isso fazia uma grande divergência entre São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo não queria greve, Rio de Janeiro queria greve. Quer dizer, as correntes, né, [trecho ininteligível] era, aí era o principal fundamento, daí partiam outras questões...

MC – Não havia assim uma certa divergência também, de como, como, de concepção quanto a assistência médica, é sobre o assalariamento dos médicos, ou sobrehan...discussões sobre tipo socialização da medicina, ou não. Não havia esse tipo de conflito de debate, não?

EL – Não, esses conflitos, eu não, havia sempre uns toques nesse sentido mas não era, não era o núcleo da nossa luta, não era. A nossa luta tinha como pretexto realmente uma valorização econômica, pretexto mais evidente embora secundariamente todos nós pregássemos e tivéssemos em menta, em mente a melhoria da profissão médica, a melhoria tecnológica, né, artesanal da classe médica, isso estava implícito, mas não era o principal. O principal era aquele, só aquele ponto e uma certa valorização do serviço médico do ponto de vista econômico.

MC – Sei. E em termos assim de, quem é que participava dessa greve? Quem eram assim, os médicos. Foram os médicos do setor público, né?!

EL – É, todos os médicos, todos, quase todos os médicos do setor público e sabe o Rio de Janeiro sempre foi médico de... sempre foi a área do funcionalismo público, né primeiro que tinha uma corrente muito grande, nesse sentido era o principal. A sociedade nos apoiou muito tivemos o apoio da sociedade.

MC – A sociedade, a sociedade civil?

EL – Civil tivemos o apoio os jornais apoiavam outros não , né houve até episódio muito interessante, Chateaubriand no começo era muito contra nós, você conheceu esse nome [trecho ininteligível] é um grande jornalista e polemista de primeira. O Chateaubriand no começo foi contra nós e nós então, fizemos, sabíamos que ele era um dos acionistas de um laboratório, um grande laboratório de remédios e então, fizemos um pacto de não receitar absolutamente remédio desse laboratório e dentro de três dias ele mudou inteiramente a política dele, viu?

MC – (risos)

EL – Três dias só. Nós tínhamos, tínhamos outros, Carlos Lacerda foi muito contra nós também no começo [trecho ininteligível] tivemos, jornais e sociedade e público um pouco dividido né, uns contra e uns a favor. É a luta da [trecho ininteligível]não tem um, o importante, eu acho que o, o importante foi ter despertado a classe médica por que foi do norte ao sul, foi todos os estados do Brasil, se empenharam estavam cientes da nossa luta. Então,

quando havia prisões de alguns médicos mais da vanguarda do movimento, esse, essa notícia se espalhava imediatamente por todo o Brasil e havia protesto tremendo e coisa e ...

MC – Agora como é que era a relação da, quer dizer, como é que ficava o sindicato dos médicos nessa...

EL – O sindicato foi contra nós, aqui no Rio de Janeiro, era um núcleo, um núcleo que também que nós tivemos contra a...

MC – Por que o sindicato era contra?

EL – Não sei bem a razão, não sei bem se questão só ideológica porque do ponto de vista de execução, a nossa greve, o núcleo era a greve né,o protesto dialético de importância o núcleo era a greve. Não sei bem as razões por que o sindicato médico, os componentes do sindicato, os homens eram talvez exageradamente da direita eram médicos que de certa categoria econômica, quase todos, enfim talvez por aí seja a razão. É muito difícil analisar hoje porque foi isso, porque. O prestígio de São Paulo também perante muitos médicos daqui. A MDF associação médica brasileira nós tínhamos uns quatro ou cinco médicos de São Paulo que eram terminantemente contra o movimento contra nós né nossas assembleias, nossa deliberação. E homens inteligentes, homens de prestígio.

MC – O senhor se lembra o nome desses médicos?

EL – (risos) bom esses dois que eu já citei o Jairo Ramos e Olímpio Correa Neto, o Cardoso, como é que era o nome dele. Cardoso que era a associação, que era secretário da associação médica brasileira e Rosa Borges, também.

MC – Durval Rosa Borges?

EL – É

MC – Era contra o movimento?

EL – Era contra o movimento, é, era contra o movimento, não me recordo assim imediatamente...

MC – Durval Rosa Borges ta vivo até hoje, eu acho.

EL – É ta.

MC – Interessante porque ele escreveu em 1948 um livro sobre previdência social, a assistência médica na previdência social e as posições dele, são bastante avançadas...

EL – É ele depois mudou muito, ele fez uma viagem de ocasião a Rússia e depois, [trecho ininteligível] coincidiu que eu fiz essa viagem com ele e nós procuramos ver muito essa parte

médica na Rússia, né. E tiramos nossas conclusões e ele tava sempre comigo, mudou, ele mudou muito a, mais naquele momento ele era contra nós, naquela época, ele tem qualidade.

MC _ O senhor foi a União Soviética em que ano? Se lembra?

EL – è...

MC – Foi na década de 50 ainda?

EL – Foi, foi 50... é foi uma, uma época de um Congresso Mundial de Cirurgia, cirurgia lá na Rússia e é época também foi nessa época que foi uma embaixada do Brasil foi muito expressiva foi aquele escritor o Álvaro Lins.

MC – Álvaro?

EL – Álvaro Lins, Álvaro Lins, que foi da Academia, academia Nacional de... Academia Brasileira de Letras, Álvaro Lins. Foi embaixador em Portugal do Brasil.

MC – Sei.

EL- Foi o Di Cavalcanti, o Di, enfim tinha uns elementos de representativos?? Foi, que data foi, que data foi... não me recordo... você me perdoe essa falta de...

MC – Não, que isso...

EL – De preparo (risos) para uma entrevista [trecho ininteligível] coisas muito dispersas muito sem...

MC – Sei.

EL – Eu, há poucos dias eu disse até há um amigo meu, eu, se me submetesse há uma verificação Psicanalítica devia ter uma certa significação que quase tudo eu fiz na vida, nas passagens eu num dou grande importância para conservar para tomar nota e eu [trecho ininteligível] meio estado, [trecho ininteligível] tipo de coisa de valor relativo. O resultado de tudo que o homem faz é que é importante, não é ter feito, ter sido chefe disso, ter feito isso, ter feito aquilo, é o que ele é, o que ele é, o que ele sente, o que ele é para os amigos o que ele é para a sociedade o que ele é para o mundo, a sua concepção humanista da vida. Isso é que é importante, isso é resultante. O apuramento o refinamento disso tudo que ele fez na vida, isso para mim é que é importante, por que o que que adianta ter sido um fulano qualquer, o que adianta ter sido um presidente da República se daqui a 50, 100 isso não tem mais significação nenhuma, você não fez uma coisa que ficou, não adianta, aí não tem importância... Você não deixou uma semente, que não tenha ficado, não tem por isso, coisa nenhuma. Conheci tantos homens importantes no Brasil, tantos homens que [trecho ininteligível] você nem sabe quem é, nem sabe. Dentro da medicina, meus colegas [trecho ininteligível] eminentes que foram, foram.

MC – Quais os homens que o senhor considera que foram importantes?

EL – (risos)

MC – Que o senhor teve convivência.

EL – Eu acho que os grandes homens importantes no Brasil, foram aqueles que deixaram justamente essa semente, que veio depois formar essa, essa floresta de grandes árvores que hoje, né... a começar por Oswaldo Cruz. [trecho ininteligível] Oswaldo Cruz foi um homem relativamente simples, homem, ele tava longe de pensar em glória, longe de pensar em glória, era um homem, que não sabia nem fazer um discurso direito, era um homem de uma certa inibição de eloquência. Era um homem sintético em suas frases eram [trecho ininteligível]. agora era um organizador era um homem que sabia que ia fazer que tinha persistência, que tinha amor ao país queria o que era correto e deixou essa semente extraordinária que foi o que ficou que é justamente a Fundação Oswaldo Cruz, o poder que ele tinha de cativar os seus auxiliares de incentivar, inocular o vírus, o vírus da ciência, em seus seguidores.

MC – O senhor teve, o senhor teve algum tipo de contato com Oswaldo Cruz, ou...

EL – Não, não, não.

MC – O senhor na época o senhor se lembra de alguma coisa....

EL – Já não era da minha época mais, Oswaldo Cruz, quando morreu eu não, eu era recém formado, eu nem lembro pra lhe falar, mas há grandes homens no Brasil, homens não sei do estado do Rio, você vê um homem que quase não se fala, no entanto, ele tem uma importância pela obra dele, que foi Alberto Torres, Alberto Torres, foi, foi o governador do estado do Rio foi muito combatido naquela época, não seria a obra de Alberto Torres, você vê como é um homem que tinha conhecimento do panorama e do futuro de nosso país, sabia que ele podia ser feito. Tanto que essa falta até de conhecimento de grandes orientadores no Brasil, dá essa confusão tremenda que nós vivemos quando chega a época de eleição, nós temos dificuldade de saber qual é que prioridade, dos predicados de um homem para governar. Esta prioridade é móvel, eu acho que não é constante tem épocas que seria preferível um cientista, tem época que seria um homem realizador, só materialmente falando, tem épocas que seria um homem que penetrasse profundamente nos problemas sociais, mais sérios que resolvesse. Agora nós temos uma época que embora esses outros fatores sejam importantes, mas eu acho que neste meu ponto de vista, o Brasil e grande parte do mundo o Brasil tem uma prioridade que precisa executar precisa levar avante resultante da educação, que é justamente a honestidade profissional. A honestidade, o Brasil não pode estar entregue mais essa avalanche de corruptos e aproveitadores, sensibilidade para produção alheia senhor querem se aproveitar. O valor excessivo do dinheiro o dinheiro tem valor até um certo ponto mais não a ponto de ter que fazer falcatruas e desonestidade para conquistá-lo. Isto é o caminho, atualmente é o ponto principal para escolha do homem que dirige o Brasil. É a honestidade, a honestidade. Desse ponto de vista um homem não seja corrupto, que não seja corruptor, que as vezes não é corrupto mais é corruptor este então, são mais perigosos que tem uma extensão enorme.

MC – É.

EL – De atividade. É deles, esses homens que não tem esse pendor, não tenham essa possibilidade, que resistam, que aguentem serem corretos e isso é uma dedução, só a educação, é relutante da educação, educação geral, do ponto de vista geral. Isso, o Brasil tem tantos problemas sérios e grandes que a gente não sabe, só tem esperança no tempo, o tempo resolve todas essas coisas, resolve. Resolve, da minha longa vida, eu vivi coisas que não tinham solução, não tinham mesmo, e depois é procurar o caminho e etc. e tal. Tudo essas grandes guerras, grandes massacres, grande invasões e calamidade e pestes e tudo, tudo isso tem solução, [trecho ininteligível] tudo pode morrer, né.

MC – É.

EL – e o grande país, vai ser. Essa desorientação demográfica do país, isso é uma calamidade, você, você vê crianças morrendo de fome no Brasil e morre mesmo, não é brincadeira, morre de fome aguda, [trecho ininteligível], mas é fome progressiva, morrem milhares e nascem milhões por ano, e ficamos sem, sem e o governo não tem capacidade de orientar, de educar, de nutrir. Não tem capacidade, só tem capacidade de falar. A sociedade, não compete a sociedade resolver isso, sociedade é orientada, o governo é queeleito para isto. A igreja também não tem possibilidade porque deixa este nascimento descontrolado no Brasil, sem capacidade de amparar essas pobres criaturas que lá estão.

MC – O senhor tem alguma religião?

EL – Minha religião tradicional é católica. Da minha família.

MC – Católica, né.

EL – É católica.

MC – O senhor é de, o senhor vai a igreja...

EL – Vou, num vou habitualmente não, viu, eu num vou habitualmente, mais num me constrange nada comparecer a um ato religioso. *[Telefone tocando ao fundo]*

MC – Sei.

EL – Pelo contrário, acho que a religião [trecho ininteligível] tem muito.. tem essas coisas, às vezes pregam coisas que não podem resolver e não podem, de maneira nenhum, não digo
(voz ao fundo) - Ermiro, o senhor vai atender?

MC – Atende lá, sim.

EL - Bom, foi um grande prazer atender vocês conversar com, conversa de velho é conversa mais do passado.

MC – Eu, eu queria propor uma coisa ao senhor, a gente vai quer dizer, a ideia hoje foi, é tentar ter alguns dados do senhor no sentido de fazermos uma entrevista mais estruturada, mais com roteiro...

EL – Sei.

MC – Mais...

EL – Editada.

MC – Editada, né. Já que a gente só tinha, o único dado que nós tínhamos era a sua participação na luta pela letra O, na MDF. O que nós propomos ao senhor é que nós façamos é uma, uma entrevista assim, mais organizada, mais detalhada, né, e também vendo uma série de dados pessoais e familiares, a gente gostaria de ver a pessoa como um todo, né... Não só a sua origem familiar e destino, né e aí a gente, faria assim, quer dizer, uma história de vida como a gente chama.

EL – Sei.

MC – Um relato de história de vida, né. Eu queria saber se o senhor concordaria em, em.

EL – Acho, acho um pouco desnecessário isso por que não tenho muita coisa na vida, não. O que eu tenho é isso que eu disse, as coisas importantes da minha vida, a não ser particularidades, eu diria quase anedóticas e [trecho ininteligível]

MC – Mas as vezes já nós temos já o costume de fazer essas entrevistas e com frequência aparece essa ideia, né, de entrevistado dizer que a sua vida não tem nenhuma importância, em termos de um depoimento histórico, né. nós temos a preocupação de tá, de que esse depoimento seja um depoimento histórico, no sentido que o senhor teve uma atuação importante tanto a nível acadêmico, como a nível político sindical, né. E que junto com outros depoimentos traz assim um quadro né, de uma associação de uma conjuntura de uma trajetória, né. Quer dizer, eu acredito que não é à toa que aparece a MDF, não é à toa que o sindicato tem essa postura, quer dizer, eu acredito que o sindicato... associação do distrito federal tem a ver com a atuação do sindicato, a sua trajetória, sua formação como médico na Bahia, né, que isso significa, né. influências, não é só o senhor, outros médicos de origem nordestina, como Dr. [nome] e acho que são todos, dados que aparentemente estão soltos e não tem nenhuma relevância mais quando a gente junta esses dados a gente vai vendo que não é, que algumas coisas acontecem por que há uma influência de origem familiar, de origem geográfica, é trajetória acadêmica, isso é uma confluência, né. E eu acredito que e possa traduzir os fatos sociais né, e o senhor que é conhecedor do Gilberto Freyre, então, o senhor, quer dizer, isso é uma coisa que o senhor sabe muito bem que essa, mais sociológica, parte desses dados, né. E que muitas vezes os entrevistados sempre colocam, não, não tem nada a contribuir, isso é do passado isso não tem nenhuma relevância hoje em dia, ninguém fala mais sobre isso...

EL - Mas eu lhe falo isso, falo com sinceridade, não é modéstia, eu nem sou modesto, nem sou extrovertido, né... acho que alguma coisa da minha vida realmente teve importância, isso na maioria eu não acho significativo...

MC -Mas mesmo assim, mesmo, o senhor teria a disposição de prestar esse depoimento a gente?

EL – É, vocês mandam né. (risos)

MC - É se o senhor teria...

EL – Agora não sei se pudesse, digamos, depois fazer uma notazinha, minha e tivesse uma espécie roteiro, o que interessa mais a vocês, para eu pensar um pouco e não, nem sempre eu tenho imediatamente as coisas que você me pergunta, né.

MC – Não eu já acredito que para uma próxima vez, essa coisa da memória, é uma coisa muito interessante, é por que eu acredito na minha, minha cabeça está a seguinte ideia que ao começar, começar com o senhor sobre o passado o senhor naturalmente vai se lembrar de muita coisa.

EL – E, é possível, sim.

MC – Né. Quer dizer, essa conversa que nós tivemos hoje, né, imagino que o senhor já vai de repente pensar mil coisas, né e o senhor vai te mais, quer dizer, um depoimento, mais organizado, senhor...